

MORGANTI, Vera Regina. *Confissões do amor e da arte*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. 424 p.

Numa época em que o casamento não significa mais uma instituição temporal e sólida, pode parecer estranho buscar subsídios para a história da literatura nacional no discurso das mulheres dos escritores brasileiros. O contra-senso cresce em determinados patamares teóricos, quando se acredita sobretudo nos textos, nas palavras permanentes, relegando ao plano inferior a biografia do autor, o laço conjugal, as histórias pessoais tecidas ao sabor da memória. Entretanto, o livro *Confissões do amor e da arte*, uma coletânea de entrevistas realizada pela jornalista Vera Regina Morganti com Nydia Guimarães, viúva de Josué Guimarães, Zélia Suassuna, esposa de Ariano Suassuna, Mafalda Verissimo, viúva de Erico Verissimo, Leda Alves, viúva de Hermilo Borba Filho, Maria Lúcia Dourado, esposa de Autran Dourado, e Frigga Moog, já falecida e, no período do registro, viúva de Vianna Moog, parece desviar preconceitos ao oferecer um material multifacetado para a pesquisa na área de Estudos da Mulher ou simples deleite com histórias de vida.

Resultante do projeto *Fontes da literatura brasileira*, desenvolvido pelo Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, o volume recolhe uma palavra ausente dos circuitos oficiais literários. Num primeiro momento, nada acadêmico, é possível apenas fruir as histórias das seis senhoras, da infância à maturidade, numa coleção de imagens cotidianas e femininas. São as tardes de Mafalda Verissimo e Clarice Lispector nos Estados Unidos, as duas atiradas no sofá, fumando. Ou as visitas mineiras de Maria Lúcia à casa da Vó Zina, no final do dia, horário de

trocar de roupa e de quitandas, “uma trazia um pratinho de biscoitos, outra levava um doce” (1994:380).

As histórias são construídas pelo diálogo e pela técnica jornalística da persuasão, sugerindo, numa época de escuta comprometida, o ambiente nostálgico do narrador de Walter Benjamin, a troca de experiências, o exercício da memória. De repente, no meio da entrevista, Dona Frigga desabafa: “Minha vida é muito comum, como qualquer vida”. Vera Regina intervém: “Nenhuma vida é comum, sempre tem alguma coisa de especial” (1994:313-314). Ao contrário dos grandes vultos e personalidades, a coletânea insere-se na corrente de Histórias de Vida, prática historiográfica estimulada no século XX pelo desejo de trazer à tona a voz marginal e periférica. Valoriza-se a perspectiva subjetiva numa época de perda e fragmentação do homem na sociedade de massas. A Filosofia, a Psicanálise e a Linguística revelam o estilhaçamento do sujeito, seu virtual ocaso, a unidade do eu apenas como um suporte e uma convenção de linguagem. Ao mesmo tempo, explodem no mercado editorial as autobiografias e as biografias.

Nesse contexto, onde a história de si desponha na dispersão existencial, a coletânea esboça, na pluralidade de vozes, um panorama de época (anos 20-90) e de suas mulheres. Mesmo que as fontes estejam ancoradas na relevância do sobrenome masculino, é a voz feminina que assume a narração, o pacto autobiográfico. Ao espelhar histórias de uma geração, o livro ainda oferece, na voz de Maria Lúcia Dourado, uma compilação da própria trajetória cultural do sexo, desde a Idade Média até meados do século XX, quando ainda forma-se a mulher apenas para sua missão futura de educar os homens.

Nos relatos, o escritor aparece refratado, transmuta-se nos papéis prosaicos do marido, namorado, amante, pai, responsável por uma família. O conjunto de depoimentos aproxima-se do ambiente privado da criação, a casa e seus limites afetivos, espaço burguês do refúgio e da concentração. Num artigo sobre as relações possíveis entre Foucault e Heidegger, o professor Luís Cláudio Figueiredo refere-se à casa como uma parte do mundo, justamente aquela do abrigo, da fruição do corpo como fonte de prazer, ainda que limitado, mas livre dos riscos. O habitar sereno seria a condição do pensar, do representar, do brincar e do experimentar (cf.1995:142-3).

Imagina-se a casa do século XIX de Ariano e Zélia Suassuna, comprada com os direitos autorais das obras *Auto da compadecida*, *O santo e a porca* e *Casamento suspeito*, uma fusão de arquitetura de engenho com fazenda sertaneja. Ou as lembranças das residências provisórias dos jovens casais Verissimo e Moog no Hotel Majestic de Porto Alegre, descortinando a efervescente circulação intelectual pelos quartos e corredores imponentes do prédio central, hoje transformado na Casa de Cultura Mário Quintana.

Na rotina de Maria Lúcia, as manhãs são de Autran Dourado. Ele fecha-se no escritório e escreve: "Aquilo é alma, é corpo, é sangue, é pele", diz a companheira. Durante esse período, tudo deve ser resolvido sem a presença dele. Da mesma forma agiu Leda de Hermilo, na comovente luta para que seu marido tivesse o maior tempo possível para criar. Nydia acha o maior casamento ter trilhado com intimidade cada um dos livros que Josué Guimarães escreveu e perceber, na sutileza da narrativa, suas vivências misturadas com as dele.

Elas não são especialistas em literatura, mas interagem em momentos diversos da produção artística. Maria Lúcia datilografa os originais, Zélia expande seus traços de ceramista nas páginas de Suassuna. Josué e Nydia fabulam *Dona Anja* numa viagem noturna pelo pampa, rumo a Montevideu. Em geral, são as primeiras leitoras ou ouvintes. No casamento, atingem a liberdade dos livros e depõem sobre uma história anterior de leituras recomendadas ou proibidas. Na juventude de Mafalda, ficar quieta, lendo, era sinônimo de falta de atividades: "Como é, não tem nada para fazer? Tem que fazer não sei o quê, não sei o quê. . ." (1994:113). Conforme a orientação, os romances adocicados de M. Delly podiam ou não ser permitidos. A leitura oral de *A morta virgem* causava furor entre as moças, enquanto a biblioteca do colégio das freiras censurava tantos títulos, entre eles os de José Lins do Rego. Era também proibido ler os folhetins do *Correio do Povo*, *Expulsa na noite de núpcias* ou *A filha do diretor do circo*. Mas a coleção *Tesouro da juventude*, com um quadro célebre na introdução, parecia obrigatória nas estantes femininas, dividindo a preferência com as revistas *Seleções*, *Eu sei tudo*, *Illustration*, *Tico-tico*.

Na reconstrução dialógica do passado, a experiência subjetiva dá outro andamento à macro-história conduzida por

situações clímax. Em plena Segunda Guerra Mundial, Dona Frigga sente mesmo é saudades do marido que está nos Estados Unidos. Viajou sozinha pelo Pacífico e, detida no Panamá, única mulher no meio de um batalhão de soldados, decide fumar pela primeira vez. A Legalidade e a Revolução de 64 são vividos por Nydia e Josué numa alternância de alegria e medo, seguindo o ritmo do nascimento dos filhos, dos esconderijos, da troca de endereços e de identidade. A palavra de Leda de Hermilo recupera o perfil social dos anos 60 em descrições detalhadas das ações do Teatro Popular do Nordeste e do Movimento de Educação de Base da Igreja.

Cada época fabrica a sua visão do passado, e Nietzsche intuiu uma das perspectivas do século XX, desejando que a história dos homens encontrasse seu sentido não nos pensamentos ou eventos universais, mas nos temas comuns, ordinários, na melodia cotidiana (cf.FERRAROTTI, 1990:32-4). Assim, o volume recupera, com a leveza das cronistas, as noites de quarta-feira em Cruz Alta, quando as mulheres não pagavam ingressos para assistir ao filme mudo ritmado pelo piano de Dona Gabriela. Ou a “milagrina”, uma espécie de aspirina capaz de resolver qualquer febre ou indisposição. Curiosamente, a última palavra dos diálogos é de Maria Lúcia Dourado, parafraseando o Candide de Voltaire: “é preciso cultivar nosso jardim para ser feliz”. É preciso registrá-lo e, sem desconfiança, refletir sobre ele, sobre sua rotina de vida e arte.

Cida Golin

Doutoranda em Letras na PUCRS

TRABALHOS CITADOS

FERRAROTTI, Franco. *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*. Trad. Marianne Modak. Paris: Méridiens Klincksieck, 1990.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Foucault e Heidegger. A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar). In: FOUCAULT. Um pensamento desconcertante. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v.7, n.1-2, out. 1995.